



**PETROBRAS**

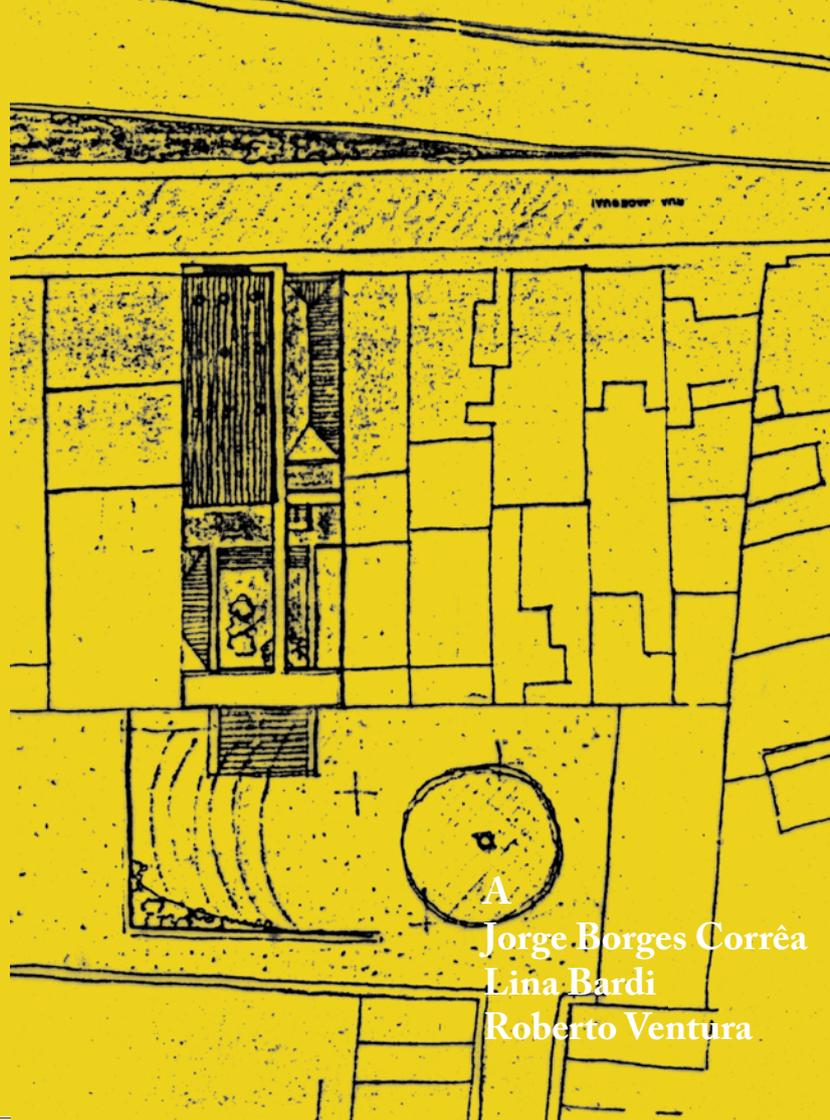
apresenta:

DE EUCLIDES DA CUNHA  
DIREÇÃO JOSÉ CELSO MARTINEZ CORREIA

# OS SERTÕES A TERRA



A mandala das quatro peças de os sertões em cartaz é um percurso oferecido e dedicado a todos que estejam criando agora com a poesia das suas vidas, das suas obras e dos seus trabalhos uma possibilidade de poder cultural, político, econômico, para o brasil presente diante do esgotamento cultural político, econômico do macro e micro modelo dominante.



A  
Jorge Borges Corrêa  
Lina Bardi  
Roberto Ventura



## Tempo de mandala

De 11 agosto. 05. Lua Nova, aniversário de Marcelo Drummond Euclides da Cunha, passando por dia 16, dia de Omulu, 44 anos do Teatro Oficina até o dia 21 Lua Cheia, início da madrugada de 22 de agosto, 34 anos da morte do vivo entre os vivos Glauber Rocha.

Segundo retorno dos atadores Oficina Uzyna Uzona cantando e dançando a viagem nova reiniciando “n’A Terra”, numa sequência maratona de 4 dias com as outras três peças, o homem 1, o homem 2, a luta 1 quinta-sexta-sábado e domingo três dias de remanso e novamente a viagem maratona recomeça, de novo com a Terra.

Como vou aguentar fisicamente nem eu mesmo sei, mas sei que

caminhando pelo percurso da Mandala, concentrado cantando e dançando, uma ação vai me levar à outra sem uma remada, e estarei paradoxalmente gozando férias em Canudos.

Com o público acho que será a mesma coisa.

Vamos sair revigorados.

Vamos cantar de novo

como os cantadores populares cantam e re-cantam seu repertório

E refiná-lo, cada vez mais e mais.

Terra nova a vista:

no ano de 2006:

cantando e dançando o fim do ciclo com “A Luta II”.

No fim de sua primeira volta no ciclo, a cabeça morde a cauda, inicia-se a quarta viagem, de novo por “A Terra”, até “Os Sertões” todo epifanizado em Canto Rito de Incorporação dançante.

Em Agosto, mês das cadelas no cio,  
das grandes tempestades na política brasileira,  
do ponto clímax de uma luta de 25 anos pelas Terras do  
Oficina,  
estamos aqui, durante duas semanas  
jogando toda nossa energia  
com a do público presente na viagem,  
com os arcos de energia que a comunicação direta contagia  
seu entorno e suas distâncias  
em ondas transmissoras da comunicação trans-humana,  
atuando numa grande felicidade guerreira,  
a favor da transmutação de todos os Tabus  
que nos tolhem,  
que ao mesmo tempo amarram o crescimento do Brasil,  
em Tótons.  
É este o ritual: Totemisar a cultura política carnavalesca Tabu  
do Brasil.

Seguimos depois para Berlim viajando com esta mandala em  
movimento.

O que cantamos e dançamos desde 2002  
vai se aproximando do desenlace com a montagem da última  
parte do livro:  
“A Luta II”  
a ser encenada o ano que vem, clamando desde já por uma  
Luta por sua produção.

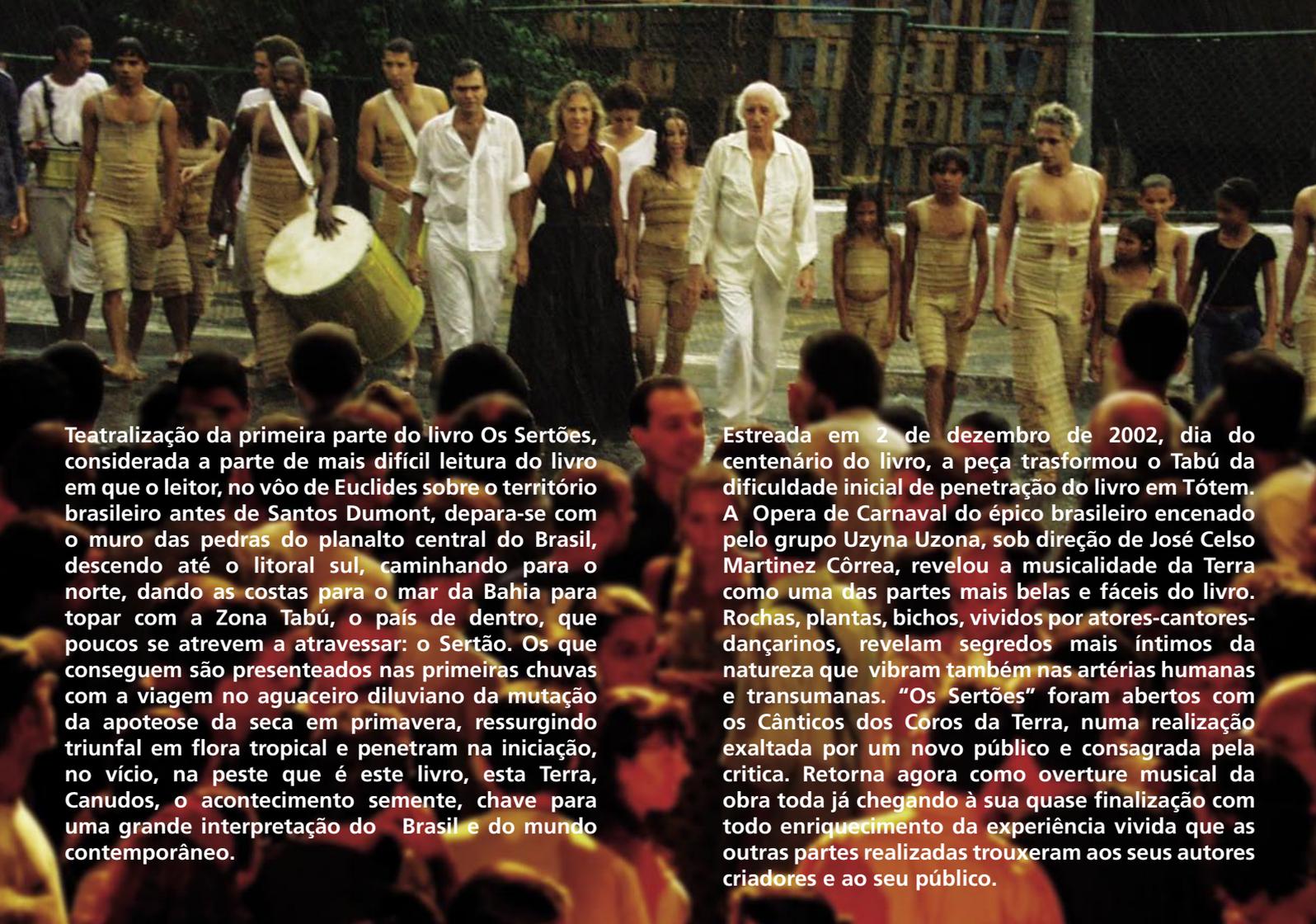
Os conflitos aumentam.  
Os fundamentalistas cristãos,  
a direita, o CC atual,  
quanto mais o povo libertário,  
faminto,  
excluído se levanta e se vira,

mais ameaça entrar nesta cena e induzir ao massacre,  
à missa,  
à pizza,  
à repetição do extermínio de Canudos.  
Somos um ponto luminoso cantante  
numa constelação mundial ameaçada sempre,  
como nossa mãe Terra,  
à medida que nos abrimos mais e mais para as os  
acontecimentos ditos maus, dito bons,  
pra história de que fazemos parte,  
adquirimos as qualidade de organismo vivo,  
também como nossa mãe Terra,  
transmutando-nos de dentro pra fora,  
sem permitir que os elementos  
que nos tumultuam a face  
impeçam nosso evolver seguro.

São já quase 24 horas de teatro.  
Somando concentração no espaço teatral, intervalos,  
mas sem contar os dias e noites vividos em função das  
atuações.

Um dia solar de Teat(r)o.  
O corpo cantante constante Sertões somente está sendo  
possível porque deve haver agora no corpo da Terra, do  
Homem, no mundo, esta Luta pela mais que vida,  
pela sacramentação do desmassacramento.  
Esta nossa atitude heróica – anti heróica  
nossa e do nosso público pode ser sintoma de uma atitude  
heróica anti-heróica que está sendo necessária,  
possível e gostosa, pois sempre se vai precisar de heróis e anti  
heróis.

É essa mulher da Vida A Terra que quer assim.  
Saídos desta Temporada, jamais seremos os mesmos.  
Vamos a Ela.



Teatralização da primeira parte do livro *Os Sertões*, considerada a parte de mais difícil leitura do livro em que o leitor, no vôo de Euclides sobre o território brasileiro antes de Santos Dumont, depara-se com o muro das pedras do planalto central do Brasil, descendo até o litoral sul, caminhando para o norte, dando as costas para o mar da Bahia para topar com a Zona Tabú, o país de dentro, que poucos se atrevem a atravessar: o Sertão. Os que conseguem são presenteados nas primeiras chuvas com a viagem no aguaceiro diluviano da mutação da apoteose da seca em primavera, ressurgindo triunfal em flora tropical e penetram na iniciação, no vício, na peste que é este livro, esta Terra, Canudos, o acontecimento semente, chave para uma grande interpretação do Brasil e do mundo contemporâneo.

Estreada em 2 de dezembro de 2002, dia do centenário do livro, a peça transformou o Tabú da dificuldade inicial de penetração do livro em Tótem. A Opera de Carnaval do épico brasileiro encenado pelo grupo Uzyna Uzona, sob direção de José Celso Martinez Côrrea, revelou a musicalidade da Terra como uma das partes mais belas e fáceis do livro. Rochas, plantas, bichos, vividos por atores-cantores-dançarinos, revelam segredos mais íntimos da natureza que vibram também nas artérias humanas e transumanas. “Os Sertões” foram abertos com os Cânticos dos Coros da Terra, numa realização exaltada por um novo público e consagrada pela crítica. Retorna agora como overture musical da obra toda já chegando à sua quase finalização com todo enriquecimento da experiência vivida que as outras partes realizadas trouxeram aos seus autores criadores e ao seu público.



# time

**ADÃO FILHO** – grés argiloso, onilé, cabeça de frade,

**ADRIANA CAPPARELLI** – grés argiloso, luz crua, cabeça de frade, umbuzeiro, deserto, saara, maria primeira,

**ADRIANO SALHAB** – xiquinho e João da mota, viado, poeta do deserto,

**ANNA GUILHERMINA** – grés argiloso, caudal, rio das velhas, iemanjá, zabaneira mata-hari, palmatória do inferno, nuvem volumosa, umbuzeiro, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava, vale-fértil, índia, caapoeira,

**AURY PORTO** – São Francisco, novas terras americanas, sertão do norte, montada do alferes wanderley, palmatória do inferno, auricuri, queixada, suçarana, marítaca, juiz conservador das matas,

**CAMILA MOTA** – grés argiloso, caudal, rio grande, diadorim, guiana, leguminosa, nuvem volumosa, umbuzeiro, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava, líquen absinto,

**DANILO TOMIC** – grés argiloso, spix, siqueira de menezes, mandacaru, hegel,

**FELIX OLIVEIRA** – dilermundo, grés argiloso, vulcão de caldas, observador, cavalo seco, cereu, anta, pacífico, loteador lobby sir estripador,

**FIORAVANTE ALMEIDA** – grés argiloso, bom Jesus da lapa, andes, índio piquaraçá, xique-xique, vento sacudimento, caititu, egito, o homem, jóca operário,

**FRANSERGIO ARAUJO** – massa gnáissica, pica do itatiaia, riobaldo, andes, antônio maciel, queixada, suçarana, vaqueiro, heliogabalo, sertanista,

**FREDDY ALLAN** – grés argiloso, cajuí, xique-xique, vento sacudimento, icozeiro, caititu, mocó, líquen

**GAL QUASMEIRA** – grés argiloso,

caudal, guiana, umbuzeiro, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava, vale-fértil

**GUILHERME CALZAVARA** – xisto metamórfico, vulcão de caldas, apolônio de toddi, mandacaru, queixada, marcelo ferraz,

**HAROLDO COSTA FERRARI** – massa gnáissica, rio iguaçu, himalaia brasileiro, bandeirante, alferes wanderley, mandacaru, soldado desoldado, marizeiro, ilha deserta e calva, segurança,

**KARINA BUHR** – grés argiloso, caudal, rio das velhas, guiana, cantora cordel, mandacaru, umbuzeiro, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava, litoral e ilha,

**LETÍCIA COURA** – grés argiloso, caudal, rio grande, guiana, luz crua, favela, estrela fartura, barauña, umbuzeiro, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava, nedjed,

**LUCAS BRAGUIROLI** – xisto metamórfico, vulcão de caldas, bedengó, vaza-barris, quipá reptante, vento sacudimento, caititu, mocó, líquen,

**LUCIANA DOMSCHKE** – ana, terra, guiana, martius, estrela saúde, mulungu, umbuzeiro, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava,

**MARCELO DRUMMOND** – euclides, **MARIANA DE MORAES** – grés argiloso, caudal, guiana, umbuzeiro, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava, vale-fértil

**MARIANO MATTOS** – xisto metamórfico, xique-xique, queixada, mocó

**OTÁVIO ORTEGA** – xiquinho e João da mota, **PATRICIA AGUILE** – grés argiloso, caudal, rio grande, guiana, umbuzeiro, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava, vale-fértil,

**PEDRO EPIFÂNIO** – massa gnáissica, rio tietê, rio itapicuru-açu, nossa senhora da conceição, soldado desoldado, queixada, suçarana, touro, arábia, libertas,

**RICARDO BITTENCOURT** – massa gnáissica, onilé, apolônio de toddi, cereu, juazeiro, deserto, saara, sertanista,

**SÁLVIO PRADO** – massa gnáissica, vulcão de caldas, cereu, caititu, **SAMUEL COSTA** – massa gnáissica, vulcão de caldas, mandacaru, juazeiro, marcelo suzuki,

**SYLVIA PRADO** – grés argiloso, caudal, rio das velhas, guiana, brazylina, bromélia, estrela tesão, caraiba, umbuzeiro, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava, síria, lina bardi,

**WILSON FEITOSA JR** – massa gnáissica, vulcão de caldas, mandacaru, marizeiro, queixada,

**ZÉ CELSO** – antônio conselheiro

**ZÉ DE PAIVA** – xisto metamórfico, cavalo seco, cereu, angico,

Participação especial: **RENÉE GUMIEL** – República

## bivição

**ARICLENES BARROSO** – grés argiloso, cajuí, quipá reptante,

**EDNA DOS SANTOS** – grés argiloso, caudal, rio das velhas, cantora cordel, cajuí, quipá reptante, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava,

**EDÍSIO DOS SANTOS** – grés argiloso, cajuí, quipá reptante,

**EDILSON DOS SANTOS** – xisto metamórfico, antoninho, cajuí, quipá reptante,

**ELENILDO DE MOURA (UGA)** – massa gnáissica, cajuí, quipá reptante, icozeiro,

**FRANCISCO RODRIGUES (RATO)** – xisto metamórfico, quipá reptante,

icozeiro,

**JAQUELINE BRAGA** – grés argiloso, caudal, rio das velhas, João Gilberto, cantora cordel, cajuí, quipá reptante, Iahsã, jurema, ema, seriema, sericóia, pomba brava,



Meu cavalo tá pesado  
 meu cavalo quer voar  
 Meu cavalo tá pesado  
 meu cavalo quer voar  
 Atuar atuar  
 atuar pra poder voar  
 Atuar atuar  
 atuar pra poder voar



**SUB TEXTO**

O espaço está vazio.  
 Silêncio.  
 A Luz está pálida,  
 esbranquiçada.  
 É a hora branca,  
 quando a noite se vai e o sol  
 ainda não chegou.  
 É exatamente antes da  
 aurora.  
 Está tudo leitoso.  
 A pouco e pouco,  
 lento sustentado,  
 a luz se levanta,  
 tudo se colora.  
 São cores frescas,  
 e tênues,  
 uma bruma sai da terra.  
 É o primeiro hálito da Terra.  
 Orvalho.  
 Um Som.  
 Um Vibrato.  
 Um Acorde.  
 O vagalume eterno de  
 Seméle rutila.  
 Uma água escorre.  
 Uma Brisa sopra.

Como de repente, Dionyzos  
 está aqui.  
 Entra.  
 Entrou.  
 No Silêncio.  
 Ele chega com mulheres.  
 Andam,  
 avançam,  
 lenços de bruma nas pernas.  
 Passos.

Raízes andantes.  
 A cada passo ouve-se o som  
 da terra.  
 Surdo.  
 Intensos.  
 Presentes.  
 Prontos para aprontar.  
 A quadrilha Divina baixou.  
 Dionyzos consulta bússola e  
 relógio.  
 Olha para o público.  
 Ele está de encontro  
 marcado.  
 Nesse lugar,  
 nessa hora,  
 com a multidão presente.  
 Pontualíssimo.  
 A história está acontecendo.  
 Ele está calmo e ardoroso.  
 Ele e as mênades, durante o  
 prólogo, descobrem  
 rualmente o público.

Para eles é uma emoção.  
 Eles se regalam mesmo ao  
 descobrirem cada pessoa.  
 Emoção dum novo mundo.  
 O novo mundo de cada  
 momento.  
 São marinheiros mesmo.  
 Com muito prazer.  
 O Olympo das mênades e de  
 Dionyzos é a platéia.  
 Eles vêem e olham  
 rualmente pro deus de cada  
 pessoa.  
 E daí nasce o encantamento.



## PLANO 0 PRÓLOGO. NO INÍCIO ERA A CANTADA

### NORTE SUL LESTE OESTE CÉU SUBTERRÂNEO

Viagem !  
Como é ele?  
Sempre viajando,  
descendo, subindo  
no céu do céu.

Descobrimo  
a Terra brasileira de avião,  
antes de Santos Dumont...

Subir,  
descer,  
estar,  
ir  
e descobrir.

Antes de tudo ser coberto,  
Descubro SerTão Brasil!  
Gênesis da Vida.

Descobrimo a terra brasileira  
de avião,  
Antes de Santos Dumont  
Descubro SerTão Brasil!  
Gênesis da Vida.



**SOL**  
CORO DOS VIAJANTES  
O Planalto Central do  
Brasil desce,  
nos litorais do Sul,  
em escarpas inteiriças,  
altas  
e abruptas.  
Assoberba os mares.

CORO DA TERRA E DOS  
MARES  
Aê Aê Ê Ê  
Aê Aê Ê Ê

Entre o Rio de Janeiro  
e o Espírito Santo,  
um aparelho litoral  
revolto,  
feito da envergadura  
desarticulada das serras,  
riçado de cumeadas  
Ê corroído de angras,  
Ê escancelando-se em  
baías,  
Ê repartindo-se em ilhas,  
Ê desagregando-se em  
recifes desnudos,  
à maneira de escombros  
...  
do conflito secular que  
aqui se trava entre os  
mares e a terra;  
do conflito secular que  
aqui se trava entre os  
mares e a terra;  
Entre os mares e a Terra.  
Aê Aê Ê Ê  
Aê Aê Ê Ê

CORO

São Francisco  
Cantando eu sou feliz  
São Francisco  
São Francisco  
Oh rio do meu país.  
Terra!

### MASSAS GNÁISSICAS

Possantes  
Massas Gnaisssegraníticas,  
alteando do extremo sul  
abeirando o mar  
progredindo,  
em cadeias sucessivas,  
até as raias do litoral paulista:  
dilatado muro de arrimo  
sustentando as formações do  
interior:

COROS  
Amphiteatro Brasil!

A terra  
sobranceia o oceano,  
dominante,  
do fastígio das escarpas;  
e  
quem a alcança  
como quem vinga a rampa  
de um majestoso palco,

Ah!

justifica todos os exageros  
descritivos  
que fazem deste país região  
privilegiada,  
onde a natureza armou a sua  
mais portentosa

Oficina !

## GRES ARGILOSO

Sob a linha fulgurante do trópico, estiramos para o norte em extensos chapadões, nossas camadas horizontais:

## TERRAS

A Terra atrai irresistivelmente o homem, arrebatando-o na própria correnteza dos rios que, do Iguaçu ao Tietê, correm da costa para os sertões, como se nascessem nos mares e canalizassem as suas energias eternas para os recessos das matas opulentas.

## CAUDAL RIO GRANDE

Rio Grande, rompo rasgando com a força da minha corrente, Serra Canastra.

## CAUDAL RIO DAS VELHAS

Velhas do Rio da Velhas Vamos abrindo fundos vales Velhas erosões.

## XISTOS METAMORFICOS

mudamos o estrutural imponentes mais e mais que a borda do litoral Região ainda mais

## pícara

avassalando alturas grimpas empilhando placas do itacolomito,

avivando acidentes, expandindo para nordeste chapadas desenroladas às cimas da Serra do Espinhaço;

## SERRA DO ESPINHAÇO

Ai!  
Coluna Vertebral do Brasil, quase escondida!  
Escoliótica!  
Sublevemo-nos... lá!

## CORO DAS MASSAS

GNAISSICAS  
Últimas sublevações, ainda alteamos, de Barbacena a Ouro Preto. Aproveitem; Atravessem-nos...

## XISTOS METAMÓRFICOS

Mesmo as maiores eminências, jazem sotopostas a nossas complexas séries infiltradas de veieiros fartos.

## CORO DAS MASSAS

GNAISSICAS  
Nas paragens lendárias do ouro, desaparecemos...

## CAUDAIS

Ouro,  
Douradas Oxums  
Nós Caudais, descemos, acachoantes, daqui para o levante, tombando em catadupas saltando "travessões", do Jequitinhonha ao Doce, procurando terraços inferiores do planalto arrimados à serra dos Aimorés;

## CORO

Aimorés...

## CAUDAIS

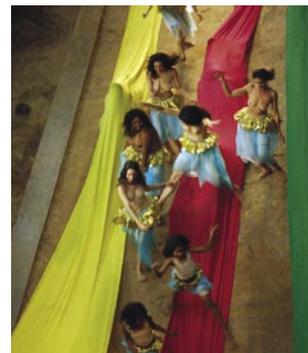
Encontradas, encontramos voltamos remansadas para o poente, na bacia mãe do S. Francisco, salpintando lagos, solapando sumidouros, penetrando aguadas cavernas do Homem pré-histórico de Lund...

## XISTOS

Decaimos, Sotopondo-nos outras mais modernas de espessos estratos de grés

## CORO GERAL

Grão Mogol!...





## HIMALAIA BRASILEIRO

COROS GNAISSICOS  
Grandes blocos superpostos,  
em rimas,  
ciclópicos coliseus,  
em ruínas,  
restos da monstruosa  
abóbada da antiga  
cordilheira, desabada...

GRÉS  
Estiram-se então planuras  
vastas,  
numa prolongação  
indefinida,  
de mares.

É a paragem formosíssima  
dos campos gerais,  
grandes sertões veredas  
onde campeia a sociedade  
rude dos vaqueiros...  
Na prosa  
de Guimarães Rosa.

Rumo firme do norte  
Sócias do calcário,  
das cavernas do sudário  
do **Bom Jesus da Lapa**

XISTOS METAMORFICOS  
Prolongamos,  
a mesma formação mineira  
rasgando afinal os lençóis de  
grés,

Alteamos píncaros  
perturbados,  
alcantis

avultamos para o norte  
xistos huronianos,

## PLANO 01 GÊNESIS SURGIMENTO DA TERRA

Vasto oceano cretáceo  
rolou suas ondas sobre as  
terras fronteiras das duas  
Américas,  
ligando o Atlântico  
ao Pacífico.

Cobria, assim,  
grande parte  
dos Estados setentrionais  
brasileiros.

Não existiam os Andes.  
As grimpas mais altas das  
nossas cordilheiras mal  
apontavam ao norte, na  
solidão imensa das águas

CORO DE XAMADO DO  
AMAZONAS  
Ondas de Solidão Amazônica,  
largo mar entre as  
altiplanuras

GUIANAS  
das Guianas ao Norte,

MACIÇO DE GOIÁS  
e o maciço de Goiás ao Sul

GUIANAS  
Guianas separadas do núcleo  
do Antigo Continente

## ALEVANTAMENTO DOS ANDES

O núcleo do futuro  
continente...

Porque  
se operava  
lentamente  
uma sublevação geral:  
o fato prodigioso  
do alevantamento dos  
Andes!

CORO  
"Swedenborg, há mundo  
porvir?"

ANDES  
O Inca há de subir!"

## ONILÊ E BEDENGÓ

CANTORA VIAJANTE  
Mas à luz crua dos dias  
sertanejos,  
esses cerros aspérrimos  
rebrilham,  
estonteadoramente —  
ofuscantes,  
num irradiar ardentíssimo...  
Impressão persistente de  
calcar o fundo  
recém-sublevado de um mar  
extinto,  
tendo ainda estereotipada  
nessas camadas rígidas  
a agitação das ondas  
e das voragens...

**PLANO 02**  
A TERRA IGNOTA  
VIAJANTES  
BANDEIRANTES  
OBSERVADORES

**O VAZA BARRIS**

CORO  
O Irapiranga dos Tapuias.  
Mel Vermelho !

POVOADORINHA GAL JOÃO  
GILBERTO  
Santo Antônio da Glória  
Venha a nós,  
a nossa história...

SIQUEIRA DE MENEZES  
Serra Grande  
INDIO  
Vai Vai

SIQUEIRA DE MENEZES  
Atanásio  
INDIO  
Abolição  
SIQUEIRA DE MENEZES  
Acaru  
INDIO  
Sem-Teto da Caixa  
SIQUEIRA DE MENEZES  
Coxomongó  
Calumbi  
Caipã  
INDIO  
Japurá  
SIQUEIRA DE MENEZES  
Canabrava



APOLÔNIO DE TODDI  
Magnificat ! Magnificat !  
Anima mea domine !

INDIO  
Estacionamento do Baú  
SIQUEIRA DE MENEZES  
Poço-de-Cima  
Rua do Bixiga  
SIQUEIRA DE MENEZES  
Aracati

INDIO  
Santo Amaro  
SIQUEIRA DE MENEZES  
Cocorobó  
INDIO  
Minhocão

CATIMBOPZEIRINHAS

Naquele lençol sagrado  
Antoninho foi amado  
pela esposa brasileira  
essa a mais namoradaira

dos cabarés a primeira, moça  
de vadia sina com muitos  
homens dormiu  
e Antônio tudo viu

O lençol da sua dor foi por  
ela transformado  
agora além de sagrado  
também era pecador

A lei ruda da vingança morte  
a ela exigia mas Antônio  
como um trem só mudava de  
estações

Vagando pelos sertões  
para proteger seu bem  
mas um dia Brasileira Antônio  
abandonou

Foi-se embora com um  
soldado dizem que foi de dar  
dó, Antônio se vendo  
só com seu lençol do  
pecado, sagrado...

**PLANO 03**  
O SERTÃO  
PRELÚDIO DA SECA E DA  
GUERRA  
CORO

A temperatura aumenta;  
carrega-se o azul dos céus;  
embaciam-se os ares;  
e as ventanias rolam  
desorientadamente  
de todos os quadrantes  
O sol fere a terra  
e ela absorve-lhe os raios,  
e multiplica-os  
e reflete-os,  
e refrata-os,  
num reverberar ofuscante:  
pelo topo dos cerros,  
pelo esbarrancado das  
encostas,  
incendeiam-se as acendalhas  
da sílica  
fraturada,  
rebrilhantes,  
numa trama vibrátil de  
centelhas;  
a atmosfera junto ao chão vibra  
num ondular vivíssimo  
de bocas de fornalha  
e o dia,  
incomparável no fulgor,  
fulmina  
a natureza silenciosa,  
em cujo seio se abate,  
imóvel,  
na quietude de um longo  
espasmo,  
a galhada sem folhas da flora  
sucumbida.

**CAATINGA**  
**JARDIM SECA**  
**CORO DA BATALHA**  
**SURDA**  
**LEGUMINOSA**

Leguminosas,  
altaneiras noutros lugares,  
aqui  
anãs;  
Temos de ampliar o âmbito  
das nossas frondes  
e absorver os escassos  
elementos difundidos no ar,  
atrofiar raízes mestras  
batendo inúteis no solo  
impenetrável  
e expandir radículas  
secundárias,  
tubérculos túmidos de seiva.

Diminuir o campo de  
insolação  
amiúdar as folhas  
endurecer  
cisalhas de metal,

Revestir com indumento  
protetor  
nossos frutos,  
rígidos como estróbilos,  
E na deiscência perfeita das  
vagens se abrindo,  
Dar...  
Estalar...  
Noite fria sobre nós se  
alevanta.

CAJUEIRO ANÃO  
Cajuís,  
cajueiros anões,  
somos numerosos  
arbúsculos de pouco mais de  
metro de alto,  
exuberando floração ridente  
em meio à desolação geral.  
Raízes entranhem a  
surpreendente profundura.  
Não háverá desenraizarmos.  
Progredir pela terra dentro  
até virar  
caule único,  
vigoroso,  
uma árvore única e enorme,  
inteiramente soterrada.

Parecemos derrear aos  
embates  
mas mocosamos  
no solo  
alevntamos  
apenas os mais altos renovos  
da fronde majestosa.  
Trincheiras abissomas.

CORO DA BATALHA SURDA  
Bromélias !  
Águas fogem no volver  
selvagem das tormentas!  
Vamos reter nas nossas  
espatas,  
aviventam-nos.  
No pino dos verões,  
pé de macambira, sou para o  
matuto sequioso  
um copo d'água cristalina e  
pura.



CORO  
As águas ficam retidas  
nas espatas dos Ananazes  
bravos  
que persistem inalteráveis  
ou mais vívidos talvez.  
Afeiçoaram-se aos regímenes  
bárbaros;  
repelem climas benignos  
em que estiolam e definham.  
Ao passo que o fogo dos  
desertos  
parece estimular melhor  
a circulação da seiva...

MANDACARUS  
Atingimos notável altura  
acima da vegetação caótica,  
Aprumamos tesos  
comandantes,  
enquanto por toda a banda  
a flora se deprime.  
No fim de algum tempo  
monotonia inaturalável,  
Sucedendo-nos constantes,  
Todos do mesmo porte,  
Iguamente afastados.  
Distribuídos com uma ordem  
singular pelo deserto.

**FAVELA - SAMBA**  
**ORVALHO E SAMBA**  
**CHAPA INCANDESCENTE**  
Favelas  
anônimas ainda na ciência  
ignoradas dos sábios,  
conhecidas demais dos  
tabaréus  
Nas folhas alongadas,

temos notáveis aprestos  
de condensação, absorção e  
defesa.  
Por um lado,  
minha epiderme ao resfriar-se  
à noite,  
muito abaixo da temperatura  
do ar,  
provoca,  
a despeito da secura deste,  
breves precipitações de  
orvalho;

**CORO FUNK FAVELA**  
Por outro,  
a mão que a toca,  
toca uma chapa  
incandescente  
de ardência inaturável.

**DESOLDADOS**  
A primeira Favela do Brasil  
que encontrei,  
foi uma planta  
no alto do Morro da Favela  
em Canudos  
onde lutei.  
Terminada a Guerra  
ferido e feliz para o Rio de  
Janeiro  
eu voltei.

Mas o Estado  
não pagou o Soldo  
não bancou o pouso  
pra nenhum soldado.  
De-soldado o que fazer?

**CORO**

Morar num morro,  
pra não morrer!

**DESOLDADOS**  
Novo mutirão  
no Rio de Janeiro Providencie  
Pronta a cidadela  
Lembrava Canudos  
Batizamos de "Favela".  
Começava outra vez Guerra  
Na minha Terra  
Favelas dos Brasis de todo  
mundo  
Traficantes, comerciantes,  
Pro pacto, pra paz, sem pato,  
vamo fundo.  
Venha a Lei da Abolição  
De toda lei Sêca, Abolição  
como é que é?

**CORO**  
Descriminalização !

**SOLDADOS**  
Alô Favela, libera ela!

**CORO GERAL**  
Vermelho mel, Verde,  
Amarela  
Favela, Libera Ela!

**RAÍZES**  
Unem-se,  
intimamente abraçadas,  
transmutando-se em plantas  
sociais.  
Não podendo revidar  
isoladas,  
disciplinam-se,

congregam-se,  
arregimentam-se.

São assim os Canudos  
de caule oco de pito.

Noutros climas isoladas,  
aqui,  
estritamente solidárias,  
em apertada trama,  
retêm as águas,  
retêm as terras que se  
desagregam,  
e formam,  
ao cabo,  
num longo esforço,  
o solo arável em que nascem,  
vencendo,  
com inextricável tecido de  
radículas enredadas,  
a sucção insaciável das areias.

E vivem.  
Vivem é o termo  
porque há, no fato, no traço  
um passo superior à  
passividade da evolução  
vegetativa...

### **A TORMENTA JARDIM PRIMAVERA**

**CORO MASCULINO**  
Mas no empardecer de uma  
tarde qualquer,  
de março,  
rápidas tardes sem  
crepúsculos,  
prestes afogadas na noite,  
as estrelas pela primeira vez

cintilam vivamente.  
**CORO**  
As bâtegas de chuva  
tombam grossas sobre o  
chão,  
adunando-se  
em aguaceiro diluviano...

Do solo atapetado de  
amarílis,  
ressurge triunfal  
a flora tropical.  
**MULUNGU**  
Mulungus rotundos,  
Cacimbas cheias de mundos,  
sem esperar folhas  
Centelhas!  
Púrpuras flores  
Vermelhas

**ANGICOS**  
Reverdecem os Angicos.

**JOAZEIROS**  
Lourejam os Joás

**CARAÍBAS E BARAÚNAS**  
Floradas nas Serras  
Caraíbas e baraúnas altas  
à margem dos ribeirões das  
terras;

**MARIZEIROS**  
Marizeiros esgalhados  
Ramalhamos ressoantes,

**CORO DAS VIRAÇÕES**  
À passagem das virações  
suaves;



vibrantes.  
CORO DE ODE AS  
CEZALPINAS  
Assomam,  
vivazes,  
nos furos  
amortecendo truncaduras,  
cezalpinas despistando –  
“Guardas”!  
saltando sem limites muros,  
“Vanguardas.”



ICOZEIRO  
Mais virentes,  
adensam-se icozeiros aqui.

OURICURIZEIRO  
sob o ondular festivo das  
copas auricurus:

ALECRINS DOS TABULEIROS  
Ondeiam cheio de cheiros  
moitas móveis floridas  
alecricim-dos-tabuleiros,

CORO MASCULINO DE  
UMBURANAS  
Umburanas  
Filtrando suas Frondes  
Perfumam em ondas  
todos ondes



CORO GERAL  
Madeira leve de fazer  
faz um ex-voto de pernas  
pr'eu correr.

UMBUZEIRO  
Dominando a revivescência

geral  
nós umbuzeiros  
levantamos dois metros,  
normal,  
podados por um jardineiro,  
coroa do pau  
ao alcance de ser chupado  
por todo sagrado gado.

CORO  
Sócia fiel  
das rápidas horas felizes  
e longos dias amargos.  
Veio descaindo pouco a  
pouco,  
modificando-se à feição do  
meio,  
desenvoluindo,  
até se preparar pra resistência  
e reagindo, por fim,  
desafiando as secas,  
sustentando-se nas quadras  
miseráveis  
mercê da energia vital que  
economiza nas reservas  
guardadas nas raízes.

CORO FALADO  
É a Arvore Sagrada do  
Sertão.  
Apoteose Coração

CORO SAMBA  
Estrelando flores alvíssimas.  
Flores que passam  
cambiantes  
de um verde pálido  
ao róseo vivo  
dos rebentos novos.

É a nota mais feliz  
do cenário deslumbrante.  
Mangueira em rede,  
mitiga a sede  
Abre Seio  
Acariciador, cheio  
Dá os frutos de sabor do  
amor  
Da Umbuzada branca só na  
cor.

CORO  
Os vales secos fazem-se rios.  
Os horizontes dilatam cios.  
Os céus sem o azul carregado  
dos desertos  
alteiam-se,  
mais profundos  
mais abertos,  
ante o expandir revivescente  
da terra que berra.

A JUREMA  
A Jurema,  
prediletas dos caboclos,  
fornecendo-lhes grátis,  
o seu haxixe capitoso,  
inestimável beberagem,  
que os revigora depois das  
caminhadas longas.

PAJEÚ  
Você bebeu Jurema.  
Voce se embebedou  
Com a flor do mesmo pau  
Vosmicê se alevantou.

ANIMAIS - FAUNA  
REAPARECIDA

CAITITUS  
Caititus esquivos  
Porcos do mato fedidos  
pelas baixadas umidecidos  
dis-pa-ramos.

QUEIXADAS  
Queixadas de canela ruiva  
percutimos em filas,  
num estrídulo estrepitar de  
maxilas;

EMAS  
Emas  
chapadas  
esporeando ferrões sob asas;  
velocíssimas  
correndo rasas,

SERIEMAS  
Seriemas em prosas,  
gostosas lamentosas...

SERICÓIAS  
Sericóias vibrantes;  
Jibóias emplumadas  
amantes.

SUÇUARANAS  
Suçuaranas...

MOCÓS  
Aterrando sacanas,  
mocós aos milhares  
aninhados aos pares.

SUÇUARANAS  
Pulamos alegres nas macegas

gaias,  
antes de quedarmos tocaias  
aos veados ariscos,  
no risco...

CORO DE PÓLIPOS MÃOS  
Animam-se os ares!  
Palpitação de asas  
céleres,  
palmam pras casas  
Sucedem-se manhãs sem par.  
Aves sulcam de novo ar  
ruflando notas serafins  
estranhos clarins.

POMBAS BRAVAS  
Pombas bravas remigramos,  
Tumultuando  
desencontrados vôos  
rola  
rola  
rola  
rolamos

MARITACAS ESTRIDENTES  
Bem Vindas eternas  
descontentas  
Ariem os aridos ares  
destas turbas turbulentas  
maritacas estridentas.

**PLANO 04**  
**UMA CATEGORIA**  
**GEOGRÁFICA QUE HEGEL**  
**NÃO CITOU**  
**O HOMEM**  
**COMO SE FAZ O DESERTO**  
**COMO SE EXTINGUE O**

**DESERTO**  
**CORIFÉIAS ANCESTRAIS**  
Do Barro da tua avó,  
teu filho nasce...

**DONA MARIA I**  
Vejo,  
no poente  
pelas noites dentro a entrar,  
o reflexo rubro das  
queimadas,  
a matar, a matar!

Oh Grande Seca!  
Tudo está a morrer.  
Eu,  
Maria Primeira, a Louca  
começo  
a Viradeira !  
Nomeio o primeiro Juiz  
Conservador  
das Matas Brasileiras!  
Oh Grande Seca!...

**CONSELHEIRO**  
Aqui estão nossas mãos  
palmo a palmo,  
lambuzamos com teu líquen  
e atacamos tuas pedras  
estêreis no caminho,  
deixando a tatuagem das  
corrosões do coração.

**CORO**  
Cú é cú é cú equador...  
Cú é cú é cú equador...

**TERRA**  
meu equador reverdece,  
**CORO**

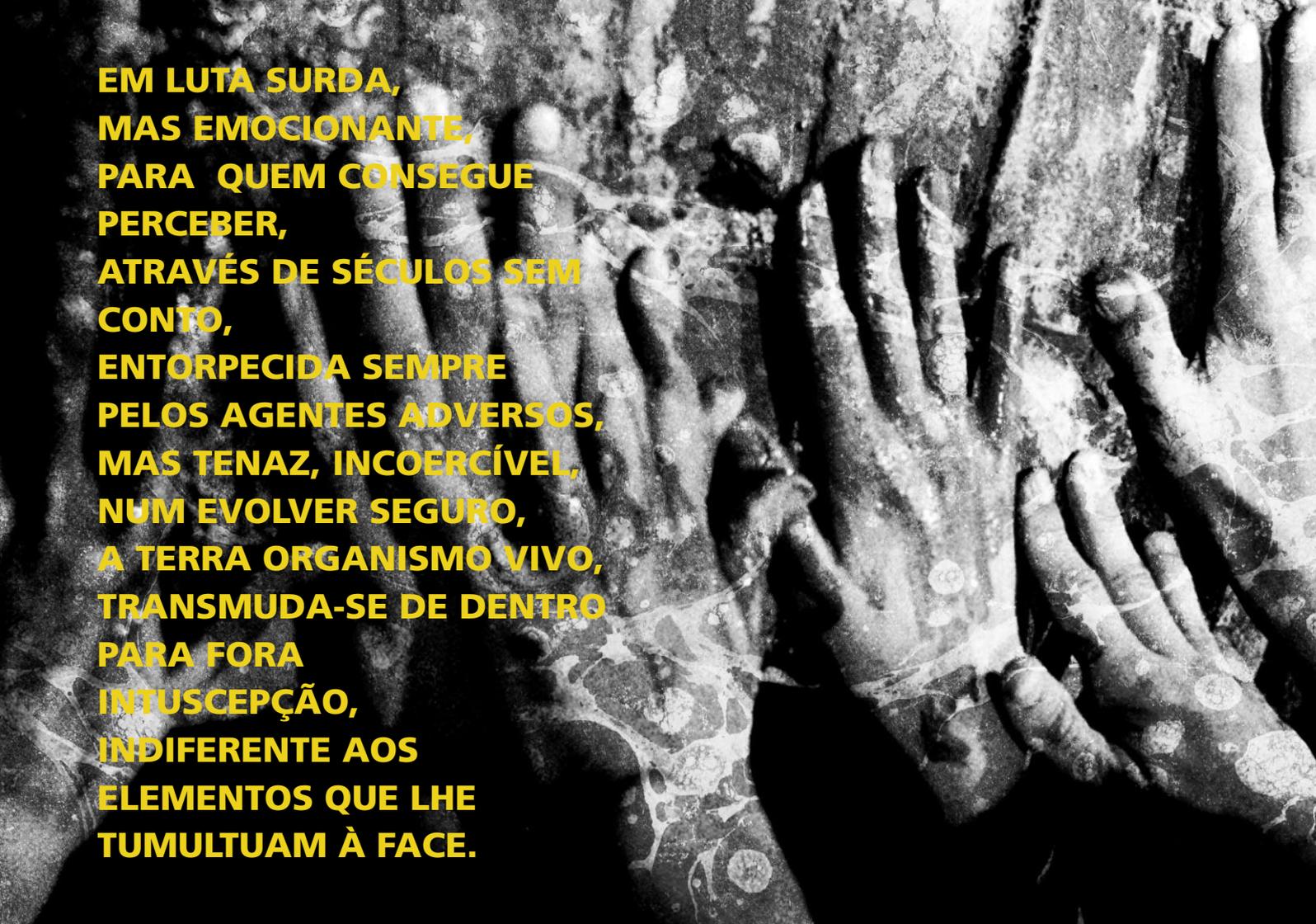
Cú é cú é cú equador...  
**TERRA**  
arbustos tornam-se árvores,  
**CORO**  
Cú é cú é cú equador...  
**TERRA**  
os organismos simples  
evoluem...  
**CORO**  
Cú é cú é cú equador...  
**TERRA**  
mas no meu bambolê,  
ainda há seca...  
É o cú-ardor...  
**CORO**  
É o cú-ardor ...

**SAARA**  
**EGITO**  
**SIRIA**  
**NEDJED**  
**ARABIA**  
**INDIA**

**TERRA**  
pelos meus colares de ilhas  
desertas e calvas

**PACIFICO**  
ou varando o Pacífico

**AMAZONIA**  
até a Hiléia Amazônica.



**EM LUTA SURDA,  
MAS EMOCIONANTE,  
PARA QUEM CONSEGUE  
PERCEBER,  
ATRAVÉS DE SÉCULOS SEM  
CONTO,  
ENTORPECIDA SEMPRE  
PELOS AGENTES ADVERSOS,  
MAS TENAZ, INCOERCÍVEL,  
NUM EVOLVER SEGURO,  
A TERRA ORGANISMO VIVO,  
TRANSMUDA-SE DE DENTRO  
PARA FORA  
INTUSCEPÇÃO,  
INDIFERENTE AOS  
ELEMENTOS QUE LHE  
TUMULTUAM À FACE.**

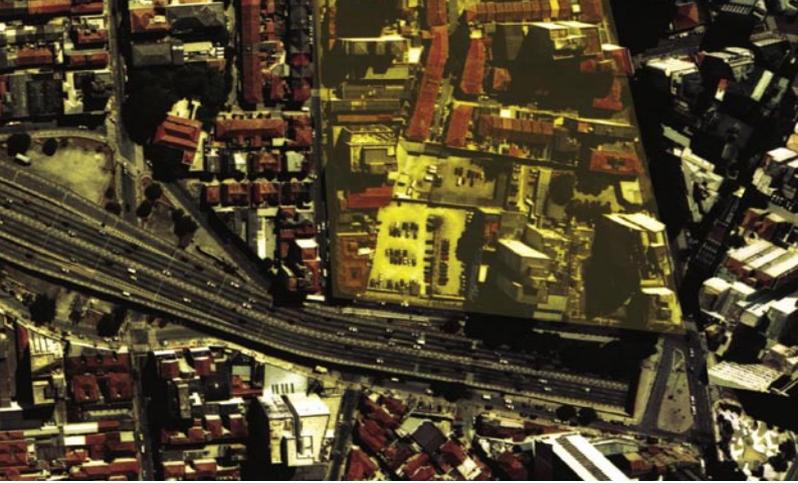
## CONVITE AO PRESIDENTE LULA

Lula é de Caetês,  
tribo que inicia o imaginário cênico do tea(r)o brazyleiro com a devoração do  
Bispo Sardinha.  
E tem o Ministro Tropicalista certo  
para uma ressurreição.

Lula experimente viver essa jornada brasileira de Euclides da Cunha em quatro dias.  
Os Caetês te chamam.







## M A N I F E S T O

Para a realização do sonho possível do Teatro de Estádio a pergunta que transmito ao público brasileiro, à mídia, aos protagonistas atuais da história brasileira é de muita importância, por isso tentarei expor o conteúdo dela, da forma mais clara possível. É uma pergunta em relação à possibilidade de um ser humano exercer seu poder de ação num tempo certo. Decidi escrever este quase texto esclarecedor para a resposta ativa desta pergunta se tornar ATO.

O sonho de um Teatro de Estádio Total Multimídia foi reavivado por Oswald de Andrade em 1943 em seu Manifesto “Do Teatro que é bom” e tornado Manifesto Concreto Arquitetônico e Urbanístico no risco, maquete e estudos de Lina Bardi em 1980 para o entorno do Teatro Oficina que, em 1982, foi Tombado.

Depois de 25 anos de luta por sua realização, que dentre outras contou com a participação ativa da promotora do meio ambiente, Sílvio Santos, pessoa física, proprietário do atual terreno do estacionamento

do Grupo Sílvio Santos visitando o Oficina compreendeu a grandeza do Projeto Ecológico de Lina para a cidade e passou ao Grupo Sílvio Santos a missão de torná-lo praticável. Foram contratados arquitetos que trabalharam com Lina para isso: Marcelo Suzuki e Marcelo Ferraz que apresentaram um projeto muito bonito. Mas o Grupo Financeiro Sílvio Santos, dando prioridade para a idéia do Shopping para esta área fez com que o projeto resultasse num abraço muito apertado em torno do teatro, aprisionando-o. Assim, o que seria um Teatro de Estádio transformou-se num teatro de 1000 lugares não relacionado diretamente com a cidade e, pior, desligado do corpo do atual Teatro Oficina, ao contrário do que Lina queria.

A isso somou-se um agravante: o Grupo Sílvio Santos não abdica da gestão do espaço. Segundo seu diretor Eduardo Velucci, somente o grupo, por ter dinheiro, poderá gerir o Espaço.

O projeto de Lina e do Oficina, sempre foi pensado como o de um lugar público, gerido por um Conselho de que a Associação Teatro Oficina Uzyna seria parte juntamente com representantes dos movimentos culturais teatrais brasileiros e internacionais. Figuras notórias tais como Fernanda Montenegro, Raul Cortez, Dráuzio Varela, Eduardo Suplicy, seriam chamados a compor este conselho, assim como os movimentos





culturais do Bairro do Bexiga como a fabulosa Vai Vai e até grupos internacionais de teatro afinados com o Teatro Total, tais como o Volksbühne de Berlim, Alemanha.

Como o Sambódromo, o Estádio de Teatro, um Teatódromo, tem a vocação de dedicar-se também à formação cultural. Quer abrigar uma Universidade Brasileira de Cultura Antropofágica de Mestiçagem Multimídia e pretende realizar Festivais Internacionais de Teatro Total : “Olimpíadas Dionisiacas”.

Seu objetivo maior é o fortalecimento do Teatro como Arte Popular de Misturação de todas as artes e técnicas, inaugurando um período para esta arte tão depreciada, elitizada, assassinada nos últimos tempos entre as quatro paredes de vitrines para a burguesia da terceira idade ver de longe, no palco, seus ídolos de TV.

O Teatro no mundo depois do poder imenso que voltou a ter nos anos 60 foi condenado a voltar ao ao palco italiano e a cortar seus laços com sua função social arcaica: tocar os Tabus sociais, transformá-los em Totens. Cantar, como o nome “Tragédia” diz em grego, os BODES SOCIAIS. A atividade teatral em geral tem sido vítima de um certo tipo de racismo mesmo. As dificuldades vitais dos tempos atuais obriga o fazer teatral à uma atitude heróica. Passou a dominar os palcos um clone do teatro, um teatro descartável que tem contribuído ainda mais para o desprestígio desta arte.

O Teatro de Estádio vem como uma “discriminação positiva” contra este racismo e a favor de todo um movimento que vem crescendo, sobretudo em São Paulo, que retoma a ligação do teatro com todas as artes e com a sociedade, principalmente com a excluída, mais criativa do ponto de vista cultural. Há uma grande luta de um quarto de século da qual Gilberto Gil entre outros artistas da música, do teatro, do cinema, das artes plásticas, participaram. Um show memorável de grandes artistas, no fim de 1980 no Ibirapuera, fez com que Silvano Santos voltasse atrás no seu desejo inicial de comprar o prédio do Oficina de seu proprietário à época.

Hoje Gil é nosso maravilhoso Ministro da Cultura. Poucas vezes na história mundial um país teve o privilégio de ter um artista de vida-obra como a deste artista no poder. E pouca vezes se viu um Ministério da Cultura com uma equipe de tal qualidade a agir dentro de uma concepção de cultura-poder com tanto empenho. Óbvio que o “contingenciamento”, essa palavra da nova língua da dependência política do Brasil ao pagamento de juros à Engrenagem, tem atrapalhado tudo. Desde o início da gestão Gilberto Gil o Teatro Oficina enviou ao Iphan um pedido de Tombamento Federal do Teatro Oficina como Manifesto Arquitetônico Urbanístico de Lina Bardi, incluindo a área de entorno qualificada para realizar o Teatro de Estádio. Atual-

mente ocupa a direção do Iphan o maravilhoso antropólogo Antonio Augusto Arantes que tem tido toda a compreensão da necessidade e da beleza deste Tombamento, consequência de sua sabedoria como cientista-artista e da competência de sua equipe.

Para acontecimentos do porte de um Teatro de Estádio há necessidade de uma luta trans-humana para enfrentar as estruturas burocráticas, financeiras e a própria compreensão do público pela sociedade pois, desde a Grécia antiga, não existe esse poder futebolístico no teatro. Gilberto Gil tem apoiado muito o Teatro Oficina em toda sua história de 44 anos. Já lhe pedi por email e pessoalmente na sabatina da Folha de São Paulo que falasse com Silvio Santos para que tivéssemos um novo encontro, inclusive contando com sua presença e atuação.

As obras do Shopping e deste “Teatro de Estádio” com o qual não estou de acordo tanto na sua forma arquitetônica-urbanística quanto no destino de sua gestão deverão, ao que sabemos, começar em agosto.

O assunto é de extrema urgência.

O Grupo Financeiro Silvio Santos, evitando contato conosco deve iniciar as obras e submeter o Teatro Oficina a uma possível paralisação se não forem realizadas obras de isolamento acústico para que possamos prosseguir com “Os Sertões” que entra na fase da criação de sua última parte e apresentação das quatro peças da epopéia já realizada. Mas, pior que isso, é ver a oportunidade de São Paulo dar ao mundo esse Estádio Tropicalista desta cultura brazyleira em que o mundo deposita tanta fé e ter em seu lugar um clone inexpressivo.

Pergunto para a mídia, para o público, para o presidente Lula, para Silvio Santos, para Pelé, para Fernanda Montenegro, para todos protagonistas e coros brasileiros, na urgência da situação tal como ela se apresenta:

São possíveis ações e manifestações práticas para:

- a aprovação do processo de Tombamento que corre no Iphan desde 2003 e

- a intervenção diplomática de Gil juntamente com os protagonistas mencionados e outros, junto a Silvio Santos para que aconteça a construção de um real Teatro de Estádio e não de um Shopping cercando um teatro, como a cidade e o mundo já tem vários ?

A entrada firme, pública, da Sociedade Brasileira, do Presidente da República, do Ministério da Cultura e do Ministro Gil agora, em cena, é necessária.

Tocou o terceiro sinal, o Ministro Gilberto Gil e os que representam a cultura brazyleira em evolução podem entrar em cena explícita agora nesta questão ?

Lina Bardi era grande amiga e admiradora de Gil e vice versa. E essa amizade no caso de pessoas deste porte nasceu do amor pela vida, pelo Brasil e pela beleza.

A situação é esta, cabe à nossa liberdade a ação de tentar transformá-la.

Um dia é este dia.

Presidente Lula, Gilberto Gil, Pelé, Silvio Santos, Fernanda Montenegro, entrem na cena pública com o público brasileiro para esta conquista da grandeza cultural do Teatro Brasileiro no mundo.

José Celso Martinez Corrêa

São Pã. 21 de junho de 2005

M E R D A

# teatro de estádio já

Cantando com o público,  
no terceiro retorno aos “Sertões”  
os cantos da Mandala  
rodando e se cumprindo  
aos ruídos, broás, evoés,  
das explosões de malas, malinhas,  
do blindamento dos Malões  
da Macro-economia regedora do Banco Central,  
Oxalá não somados às britadeiras  
dos nossos vizinhos do estacionamento  
do Grupo Silvio Santos,  
iniciando o seu Shopping  
capturando nosso projeto de um Teatro de Estádio  
num abraço sufocado demais.  
Nossos cantos incorporam esses ruídos  
pra transmutá-los.  
Cantando de novo o não ao Martírio da Terra  
ao massacre de Canudos,  
também estamos cantando impedindo o Martírio da Terra do Teatro Oficina.  
Depois de uma única reunião com o Grupo Silvio Santos,  
representado por seu advogado,  
os arquitetos Marcelos Susuki e Ferraz que nos mostraram o projeto,  
e um Conselho de amigos do Oficina Uzyna Uzona,  
decidimos aprovar o envio do projeto para aprovação na Prefeitura  
com a condição de rediscuti-lo urbanística e arquiteturalmente  
em função da Gestão do espaço,  
num segundo encontro com Silvio Santos pessoa,  
prometido pelo advogado do grupo Dr. Ricardo.  
Nunca mais tiveram contacto conosco.  
Os arquitetos propuseram reuniões  
mas a transformação do projeto depende dos objetivos do Grupo Silvio  
Santos,  
que por enquanto transmitiram à nossa produtora Ana Rubia,  
que não pretendem abrir mão da gestão do Teatro de Estádio.  
Segundo a crença utópica de Eduardo Velucci, engenheiro do grupo, somente  
quem tem o dinheiro tem o poder de gestão.  
Mas o que tem tudo isso a ver com a viagem teatral que estamos fazendo  
hoje?

Tudo e mais o que o Olimpo de Dionisos, o público, trouxe de projeção  
nesses mitos vividos em ação e experimentação na atuação.

“Os Sertões” nasceram como transporte,  
metáfora diante da ameaça ao Oficina e ao sonho de Lina Bardi de um  
rheal Teatro de Estádio que a construção de um Shopping pode massacrar.  
No retorno da encenação neste mês de agosto, o grupo ameaça iniciar as  
obras do Shopping contendo um Teatro de 1000 lugares que chamam de  
Estádio,  
sem nossa gestão que seria de um Conselho Cultural de Bairro tipo Vai  
Vai, nacional, internacional.  
E iniciariam sem os entendimentos para preservar tecnicamente com uma  
blindagem o Oficina dos ruídos e poeira de eventuais obras.

“Os Sertões” se darão num campo de combate. O Teatro e seu Duplo.  
Na pista e no que é espelhado nos vidros dos janelões do Oficina,  
mais o que se passa atrás dele, plugado pela “Guarucaia”, Peltophorum  
Dubium, Farinha Seca,  
árvore que nasce no canteiro de Terra do Oficina e se espalhou em 25 anos  
para o Lado do Estádio de Teatro, pioneira.  
A Árvore Tótem deste Terreiro.

“A Terra” abre a mandala, com o espírito do texto do nosso Manifesto  
sobre a superação desta situação, publicado neste programa.  
A atriz Sylvia Prado faz a reincorporação de Lina Bardi, Marcel Drummond  
e de Euclides da Cunha, que na peça consegue interromper o movimento de  
martirização da Terra, Luciana Domschke, pelas picaretas mercantilistas.

“Fizemos talvez o deserto,  
mas podemos extingui-lo ainda,  
corrigindo o passado,  
e a tarefa não é insuperável.”

Em “A Terra”, “Os sertões”, o livro, o lugar, o acontecimento, o Teatro  
Oficina, são assumidos como Ponto Tabú para nossos cantos transmutarem  
em Tótem.

# time

## **DIREÇÃO E DRAMATURGIA**

Diretor e Dramaturgo - JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA  
Conselheira - CATHERINE HIRSCH  
Dramaturgista - TOMMY PIETRA  
Diretora Assistente - CAMILA MOTA

## **MÚSICA**

Diretor Musical e Trilha Original - MARCELO PELLEGRINI

Composição das canções - CORO 2002, CORO 1989, ADRIANO SALHAB, ALEX SANDRO, CELSO SIM, DANILO TOMIC, DENISE ASSUNÇÃO, EDU NAZARIAN, KARINA BUHR, IZAAR FRANÇA, LETÍCIA COURA, MARCELO PELLEGRINI, PEPÉ MATA MACHADO, TOM ZÉ, ZÉ MIGUEL WISNIK, ZÉ CELSO

Operador de som - DIPA

## **MÚSICOS INSTRUMENTISTAS**

percussão - ANDRÉ LAGARTIXA, DANIEL CAMILO, ITO ALVES, KARINA BUHR  
piano e acordeon - OTÁVIO ORTEGA  
trumpete - GUILHERME CALZAVARA  
baixo, bandolim, rabeca - ADRIANO SALHAB  
banjo, bandolim e cavaquinho - WILSON FEITOSA  
coriféia da voz e cavaquinho - LETÍCIA COURA

Preparação Vocal - ALESSANDRA ZALAF

## **COREOGRAFIA**

MAURA BAIOCCHI

## **LUZ**

RICARDO MORANEZ  
Operador de luz - ALLAN MILANI  
Técnica geral e operadora de foco móvel - IRENE SELKA  
operador de foco móvel - XANDY

## **VIDEO**

direção - Elaine Cesar  
vj - MARILIA HALLA  
câmeras - GABRIEL FERNANDES

## **DIREÇÃO TÉCNICA**

STEFAN WOLF

## **CENOGRAFIA**

CRISTIANE CORTÍLIO

## **FIGURINO**

OLINTHO MALAQUIAS

## **DIREÇÃO DE ARTE 2005**

OSWALDO GABRIELLI

Produtor de Arte  
MARIANO MATTOS

Aderecistas  
MÁRIO LOPES  
EDUARDO MOREIRA  
WALDEMIR LEITE  
2002

MARIANA ZANETTI  
RICARDO COSTA  
VANESSA POITENA

Assistente de figurino  
SANDRA MANOELINA PEREIRA  
CRISTIANO CARVALHO

Costureiras - ALICE FERRAZ, LECI  
DE ANDRADE, JUDITE DE LIMA

## **CENA**

direção de cena - ELISETTE  
JEREMIAS  
direção de pista e contra-regra  
- ESTANISLAU AZEVEDO  
Contra-regra - HENRIQUE  
MARTINS  
Estagiários - RODRIGO MATOS,  
CINTIA PORFIRIO, CLARISSA  
MASTRO  
Camareira - CIDA MELO  
Assistentes - CHICA, ALICE

## **QUEIROZ**

## **PRODUÇÃO**

direção - ANA RÚBIA DE MELO  
Produtora Executiva - BIA  
FONSECA  
Produtor Internacional  
- MATTHIAS PEES

## **ADMINISTRAÇÃO**

Diretor Administrativo - AURY  
PORTO  
Auxiliar administrativo - DYLAN  
ROCHA  
Secretária - SANDRA MICHELAN  
Auxiliar de escritório - CÍNTIA  
PORFÍRIO  
Arquivista - THAIS SANDRI  
Zelador - EDSON AURELIANO  
Conservação - ANTONIO  
AURELIANO PEREIRA, EMERSON  
AURELIANO PEREIRA, RENATO  
RODRIGUES JACINTO  
Assessoria jurídica - MARTHA  
MACRUZ  
Assessoria contábil - PAULA  
CRISTINA ROMANO

## **DIVULGAÇÃO**

programa e site - TOMMY  
PIETRA, BETO GALVÃO  
fotografia  
MAURÍCIO SHIRAKAWA  
capa e pg. 30 - MARCO  
ANTONIO REZENDE  
índio pg. 8 - LENISE PINHEIRO  
assessoria de imprensa  
- FRANCINE RAMOS

patrocínio:



**PETROBRAS**

apoio cultural:



co-patrocínio:

Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo  
Programa Municipal de Fomento ao Teatro da Cidade  
de São Paulo

apoio



**CEATA**

Centro de Estudos de Acupuntura  
e Terapias Alternativas  
tel: 3062-6557



**CASA FLORA**  
IMPORTADORA E ATACADISTA  
3327-5199

**Serra Negra**  
*Purissima*  
tel. (19) 3892-7700



tel.3288-2573



Floricultura **Eliane**  
tel.3104-2479



tel.31058823

Mas o tempo linear é uma invenção do ocidente  
O tempo não é linear,  
é um maravilhoso emaranhando onde, a qualquer  
instante podem ser escolhidos pontos, e inventadas  
soluções  
sem começo nem fim...

Lina Bo Bardi

TEATRO OFICINA



UZYNA UZONA